

Entrelaçamento entre o mito, a história e a memória na literatura indígena amazonense em três narrativas insólitas na obra *Contos da floresta*

SICSÚ, Delma Pacheco¹
Universidade do Estado do Amazonas

Considerações iniciais:

A literatura infanto-juvenil indígena, enquanto objeto cultural arquivada no suporte livro, é um produto incipiente no mercado editorial nacional e local. Contudo, enquanto manifestação cultural pertencente e oriunda da tradição, esta literatura faz-se presente no imaginário dos amazonenses há muito tempo.

Como objeto cultural da sociedade letrada, a literatura infantojuvenil indígena amazonense, no suporte livro, começa a ter visibilidade a partir do ano de 2001. Entre os produtores dessa literatura, voltada para o público infanto-juvenil, encontra-se Yaguarê Yamã, que além de escritor também é ilustrador e artista plástico.

As histórias de Yamã são cheias de aventuras, encantos; recheadas com a presença do medo, do insólito e do assustador, uma vez que narram situações em que a presença do sobre humano, do fantasmagórico é recorrente. Frutos do imaginário popular do povo Maraguá, etnia a qual pertence o escritor, as histórias de Yamã têm um valor imensurável para os maraguás, pois fazem parte da tradição e, por conseguinte, da memória deste povo. Por isso, registrar essas narrativas orais no suporte livro é deixar para posteridade a memória de um povo que se constrói no mito, na lenda, nas crenças, registrados nas belas/assustadoras narrativas que compõem inúmeros livros da literatura infanto-juvenil indígena.

Dentre esses livros encontra-se *Contos da Floresta*, analisado neste estudo por meio de um recorte de três narrativas intituladas “História de Kâwerá”, “As makukáwas” e “História de Mapinguary”. Os três textos elencados para este estudo fazem parte das histórias categorizadas de mitos, pelo escritor; outras três estão inseridas no elenco de narrativas consideradas como lendas.

¹ Mestre em Letras e Artes; Docente da Universidade do Estado do Amazonas; Coordenadora de Projetos de Iniciação Científica na área de Literatura Infantojuvenil; email: delmasicsu@bol.com.br.

O presente estudo pretende contribuir para o enriquecimento das discussões acadêmicas em torno da literatura infanto-juvenil indígena amazonense, focando em três aspectos: mito, memória e história.

O insólito: ingrediente dinamizador nas narrativas indígenas:

A literatura indígena se constrói com elementos típicos da cultura oral. Fortemente marcada pela tradição esta literatura traz em seu corpus histórias recheadas do sobrenatural, do maravilhoso, do fantasmagórico. Categoriza-se essas narrativas como insólitas, pois falam muito sobre as crenças do homem da Amazônia, principalmente os que moram em áreas fora da cidade e que têm experiências estranhas a partir de uma situação vivenciada por ele mesmo ou por outrem. Assim no enredo destas histórias é comum aparecerem seres e situações incríveis que extrapolam o humano, como é o caso dos três contos elencados para este estudo. Nesse sentido é que se elencam como narrativas insólitas três histórias do livro *Contos da floresta*. De acordo com Silva (2001, p. 1): “O insólito na literatura nos remete ao mágico, ao fantástico e ao maravilhoso por serem nessas categorias que o termo teve destaque ao longo da história literária, levando-nos a mundos estranhos e a acontecimentos fora da realidade”.

As três narrativas insólitas elencadas para este estudo transportam o leitor para um mundo estranho e o fazem ter contato com seres também estranhos. No conto “História de Kãwera” o leitor é levado a conhecer o mundo estranho onde reina o Kãwera, “esqueleto velho. Ser da mitologia Maraguá, metade homem, metade morcego.” (YAMÃ. 2012, p.56) O monstro leva Dizoáp, indígena pertencente ao clã Çukuyé, da etnia Maraguá, a morar em seu mundo, após ter sido desafiado e duvidado pelo jovem guerreiro. Dizoáp é punido pelo Kãwera e como castigo passa a viver na morada do demônio como se pode observar no trecho abaixo:

Muito tempo voaram, até que, finalmente, chegaram à casa de Kãwera. Um lugar escuro e sombrio. Desceram. O bicho jogou o rapaz no chão e falou:
- Olhe ao seu redor e me diga o que está vendo.
O homem, tremendo de medo, respondeu:
- Vejo cadáveres.
- Esses cadáveres são de pessoas teimosas, iguais a você, que me desafiaram.
(YAMÃ, 2012, p. 16).

Além do mundo estranho, há no conto a presença de uma entidade sobrenatural e estranha, o Kãwera, um ser horrendo que causa medo a todos que dele se aproxima. Em um dos trechos da narrativa, antes do encontro de Diázop com o Kãwera, o índio Yaguacê,

durante uma caçada, vê-se frente a frente com o demônio, um ser horripilante que faz o índio a ter sensações estranhas como se percebe no fragmento abaixo:

(...) Mas, rapidamente, sentiu sua cabeça crescer e os cabelos se arrepiarem, ao ver descer à sua frente um terrível monstro alado, de asas de morcego. Ao pousar, deixou à mostra dentes enormes e garras, com as quais arranhou o homem nas costas. Em seguida, o monstro levantou vôo e sumiu na escuridão da mata. (YAMÃ, 2012, p. 13).

Em outro conto intitulado “As Makukáwas”, o insólito se faz presente na figura de um homem alto e forte, mas com pés de pássaro. A aparição desse ser na história acontece em decorrência a do lamento constante de uma mulher que ao cuidar de inúmeras makukawas, as quais seriam servidas como refeição para o esposo, reclama o fato de ter que sozinha cuidar dos pássaros. A mulher ao ouvir o canto do pássaro tipuã, bem longe na floresta, queixa-se:

- Ah, tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando, viria me ajudar a fazer essa janta.
E continuou a depenar as aves.
Passados alguns minutos, em frente à porta da casa apareceu um homem alto, forte, mas com os pés de pássaros, iguais ao do tipuã. Ele foi para a cozinha, pegou as makukawas do jirau com brutalidade e começou a depená-las com avidez. Assustada com o estranho, a mulher olhou para os pés dele. Teve mais medo ainda, ao perceber que eram pés de pássaro” (YAMÃ, 2012, p. 20).

Na narrativa “História de Mapinguary” o insólito também acontece por meio da aparição de um ser estranho e de uma situação sobrenatural.

O Mapinguary, figura estranha e amedrontadora, é “um ser mitológico Maraguá. Entidade maligna da floresta, com o corpo coberto de pelos e boca no estômago” (YAMÃ, 2012, p. 56). Esta entidade sobrenatural é tido no imaginário amazônico como um monstro que persegue as pessoas na floresta, usa pedaços de carne para atraí-las e depois devorá-las.

No início da narrativa, percebe-se o quanto o Mapinguary é temido. Um homem se depara na floresta com um pedaço de carne deixado em um galho e resolve comê-lo. O amigo que o acompanha adverte-o: “- Rapaz, não faça isso. Você já ouviu falar em Mapinguary? Dizem que ele anda por aí deixando carne para pessoas desavisadas comerem. A carne faz com que morram e se transformem também em Mapinguary” (YAMÃ, 2012, p. 27).

O Mapinguary, figura folclórica e presente no imaginário amazônico, além de sua aparência monstruosa, causa terror porque devora apenas o corpo. A cabeça deixada pelo monstro se transforma em outro Mapinguary, como se percebe em um dos trechos da história:

Tomou um susto, ao ver que o corpo do amigo não estava mais lá, apenas a cabeça. O homem parou. E, no momento em que se virou, viu a cabeça se transformando em Mapinguary. A cabeça mesmo já não existia mais. O que havia era um corpo enorme, todo peludo, com uma hedionda boca no meio do estômago que começou a gritar e a gemer pavorosamente. (YAMÃ, 2012, p. 30)

As três histórias deste estudo fazem parte do imaginário amazônico e são frutos de narrativas orais, típicas das sociedades indígenas. Essas narrativas têm como uma das características fundamentais a presença do insólito que se concretiza na presença de seres fabulosos, estranhos e situações suprarracionais que extrapolam os limites da condição natural humana. Por apresentarem seres e situações estranhas é que se categorizam as três narrativas deste estudo como insólitas. Ferreira diz que “o insólito é o estranho” e explicita o termo:

Em nossa língua, o significante insólito (do latim *insolituo*) compartilha alguns sentidos com o significante estranho (do latim *extraenu*): fora do comum, desusado, novo, anormal, extraordinário, extravagante, excêntrico etc. [...] o que está fora do âmbito familiar (FERREIRA. 2009, p. 107).

Diante do exposto acima tem-se mais uma comprovação do insólito, do estranho nas três narrativas selecionadas para este estudo, pois em todas há a presença de acontecimentos e seres que fogem à normalidade. Muitos desses seres encantados da floresta têm o poder de controlar os humanos e levá-los para um mundo encantado onde habitam gigantes como a cobra grande, o mapinguary e tantas outras entidades sobrenaturais da floresta. Esses seres são dotados de poderes que vão desde a capacidade de hipnotizar os seres humanos como também transformá-los em monstros ou seres encantados.

Nota-se a constante do maravilhoso nestes contos, contudo, diferente dos contos maravilhosos analisados por Vladimir Propp em seu livro *Morfologia do conto maravilhoso* (2010), nas três narrativas deste estudo, apesar das personagens humanas viverem uma situação anormal, haver a presença de objetos mágicos e algumas invariantes da estrutura do conto maravilhoso estudada por Propp como a viagem, o obstáculo, o desígnio, nas narrativas indígenas, aqui estudadas, contudo, o que se tem é a presença de um anti-herói de aparência física horrenda, estranha que não só lança os obstáculos sobre os humanos como também prevalece sobre aqueles que o desafiam e não respeitam a natureza. O desígnio, portanto, daqueles que ferem as leis e o respeito à natureza e a essas entidades sobrenaturais geralmente

é a morte, a loucura, a transformação de humano para monstro ou o exílio para um mundo encantado.

O leitor dessas narrativas é assim convidado a entrar no jogo da ficção, a aceitar como verdade as situações e seres anormais e estranhos. As narrativas indígenas, frutos da cultura oral, circulam entre os membros da comunidade por meio de um interlocutor que empresta a sua voz e assim narra a história aos seus receptores de forma que estes a recebam como uma verdade possível na ficção e por que não na realidade concreta.

A leitura literária do insólito não é imune a essa relação sistêmica que interagem e interferem diferentes e diversos recursos narrativos, da ordem do discurso ficcional produzindo no leitor a sensação de estar travando contato com o sobrenatural, extraordinário, irreal, surreal, absurdo, estranho, inusitado, incomum, inusual, inaudito, inesperado, fantástico, maravilhoso... decepcionante, horripilante, terrorizante, que provoca medo. (GARCIA, 2009, p. 2).

Ao serem arquivadas no formato livro, as narrativas indígenas passam a ser reconhecidas por leitores de outros contextos e culturas e, da mesma forma que os ouvintes da tribo entram no jogo da ficcionalidade, assim também os leitores de outras culturas. Embora essas histórias agora sejam registradas no suporte livro, as marcas da oralidade, as crenças, os saberes, o modo de ver e de pensar o mundo é muito presente como se pode notar nas narrativas do livro *Contos da floresta*, de Yaguarê Yamã. Assim, embora a literatura infanto-juvenil indígena amazonense esteja há pouco tempo projetando-se mundo a fora por meio do livro impresso, ela mantém sua essência e seu valor cultural e histórico.

Sobre as narrativas orais Pietro enfatiza:

Sua importância em nosso tempo tecnológico, conectado, em rede, complexo – continua presente. Preservando a memória, aproximando culturas, revelando crenças, valores, éticas, olhares e formas de ser e estar no mundo. Onde passado, presente e futuro se entrelaçam. (2011, p. 2)

Pesquisar as histórias indígenas é de suma importância, pois é uma literatura que sustenta em seu corpus a história de um povo que, embora conectado e eventualmente ou totalmente inserido no mundo contemporâneo mantém sua identidade quando colocam em seus enredos, narrativas em que o mito, o saber e as crenças são ingredientes fundamentais.

O mito e a história: elementos fundamentais na memória do povo Maraguá

A literatura indígena amazonense, ainda emergente no mercado editorial, constrói-se com o saber dos povos ameríndios da floresta, repassados de geração para geração. Os autores dessa literatura são enfáticos em afirmar que produzem suas histórias a partir do que viveram ou do que lhes foi contado pelos seus antepassados.

Registrar suas histórias no formato livro é manter vivo a memória de seu povo; é deixar para a posteridade um acervo cultural riquíssimo de uma sociedade em que o mito ainda se faz presente, necessário para explicar a origem do mundo, das coisas, entre outras. Segundo Pierre Janet (*apud* LE GOFF. 1990, p. 425).

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossas memórias que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas.

E é, justamente o fator linguagem que tornam as narrativas indígenas diferente das produzidas por escritores não indígenas. Percebe-se nessas histórias a presença de uma forma discursiva simples, porém carregada de significado, de uma forma diferenciada de se dizer. Há nessas histórias palavras e expressões típicas dos povos indígenas que não fazem parte do uso corrente dos falantes da cidade ou fora do contexto amazônico.

A linguagem é, pois um ingrediente fundamental na construção das histórias arquivadas no formato livro, uma vez que os escritores produzem a partir daquilo que falam, ouvem ou vivenciam. Em entrevista transcrita para o livro *Contos da floresta*, o escritor Yaguarê Yamã fala sobre o seu fazer literário e destaca: “Algumas histórias são criadas por mim, como contador de histórias que sou, filho de famosos contadores de história. Outras, eu contei e escrevi do meu jeito, amparado em histórias tradicionais e narrativas dos antepassados.” (YAMÃ. 2012, p. 62).

Na entrevista, o autor ainda fala sobre suas fontes de inspiração para a criação de seus livros. Segundo o escritor, as principais fontes de inspiração para escrever são: “a cultura do meu povo, do qual descende minha esposa; e o meu rio Guarinamã, que é igual ao meu sangue, fruto do misticismo Maraguá” (YAMÃ, 2012, p. 63).

Como toda literatura, a arte literária de Yamã é também fruto de um fenômeno histórico e social que mantém em sua essência as características das narrativa orais. O mito, elemento presente nas narrativas orais, é recorrente em suas histórias. O livro *Contos da floresta*, por exemplo, é dividido em duas partes, sendo que na primeira estão inseridas

histórias categorizadas pelo escritor de mito e na segunda histórias categorizadas como lendas.

Neste artigo enfatiza-se somente o mito e seu entrelaçamento com a história e a memória do povo Maraguá. As narrativas selecionadas para o presente estudo estão inseridas na categoria de mito, pois contemplam características do mito. Segundo Rocha (2008, p. 3):

o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmo, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais.

As três narrativas, aqui analisadas, falam em seu enredo sobre o porquê de determinados acontecimentos, sobre os paradoxos do homem da floresta que se sente protegido pelos entes sobrenaturais, mas também torna-se presa fácil quando fere as leis estabelecidas pela natureza e pelas entidades míticas.

Esse paradoxo existencial justifica-se pelo fato de que as sociedades indígenas, embora vivam em lugares afastados da cidade, não tem como desvencilhar-se da cidade, pois também precisam dela. Apesar desse contato, muitas vezes constante, com o homem da cidade, as sociedades-indígenas acreditam que há sim dois mundos: um onde se vive situações inexplicáveis e habitam entidades sobrenaturais e outro que faz parte da vida real. Este comportamento dual dos indígenas, Humboldt (*apud* CASSIRER, 2011) diz que se dá pela forma como a linguagem apresenta a realidade a eles.

O homem vive com seus objetos fundamental e até exclusivamente, tal como a linguagem lhos apresenta, pois nele o sentir e o aluar dependem de suas representações. Pelo mesmo ato, mediante o qual o homem extrai de si a trama da linguagem também vai se entretecendo nela e cada linguagem traça um círculo mágico ao redor do povo a que pertence, círculo do qual não existe escapatória possível, a não ser que se pule para outro. (HUMBOLDT *apud* CASSIRER, 2011, p. 23).

Assim, o mito, por meio da linguagem concretiza-se e se busca explicar o porquê de muitas coisas paradoxais na existência humana como a origem e o fim do mundo. Por isso, dependendo do que se quer explicar, os mitos são categorizados conforme suas funções.

Os estudos de Mircea Eliade tem um valor imensurável quanto o entendimento e a categorização dos mitos; bem como a importância destes nas sociedades tradicionais. Para Eliade (2010, p. 11)

O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. [...] Em suma os mitos descrevem as diversas e algumas vezes dramática, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo.

É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Em todas as narrativas aqui estudadas há a intervenção dos Entes Sobrenaturais que admoestam aqueles que os desafiam e prejudicam o equilíbrio da existência quando transgridem as leis da floresta. Em “História de Kãwera”, Dizoáp, um índio guerreiro, é levado para casa do Kãwera, um lugar escuro e sombrio, cheio de cadáveres. Ao mostrar o lugar para o índio guerreiro, Kãwera diz que os cadáveres “... são de pessoas teimosas, iguais a você, que me desafiaram” (YAMÃ, 2012, p. 16).

Na história “As makukáwas” mais uma vez o mito aparece pela intervenção do pássaro tipuã que, de tanto ser chamado pela mulher, aparece para ela em forma de gente, mas com pés de pássaro. A narrativa tem um caráter de advertência, pois pesa sobre a história de um homem que caçou indiscriminadamente inúmeras makukáwas, pássaro típico da Floresta Amazônica e, que segundo “a religião Urotópiãg, dos Maraguá e Sateré é um dos bichos visagentos” (YAMÃ, 2012, p. 59), pois transforma-se em assombrações. O homem pede à esposa que trate e coloque para cozinhar as makukáwas. A mulher, vendo aquela quantidade exagerada de pássaros começa a reclamar e pede tipuã, outro pássaro típico da Amazônia, que a ajude. Do nada, surge na porta da casa um homem com pés de pássaro que a ajuda, mas durante o jantar adverte o casal:

- Vou lhes avisar. E que sirva de lição para vocês. As makukáwas são bichos visagentos e não podem ser mortas aos montes por uma só pessoa. Se isso acontece, venho em visita e assombro o caçador. Ninguém pode matar mais do que o necessário” (YAMÃ. 2012, p. 24).

A terceira narrativa intitulada “História de mapinguary” tem como personagem principal o Mapinguary, entidade sobrenatural que, segundo o imaginário amazônico, é uma espécie de gigante peludo, sem cabeça e com uma boca enorme na barriga. O mito nesta narrativa também apresenta a intervenção deste ser sobrenatural sobre aqueles que o desafiam, pois como um dos guardiões da floresta, não pode ser desobedecido nem afrontado. Provocar, portanto, as entidades sobrenaturais é perder a vida.

É recorrente na literatura amazonense aparecer entes sobrenaturais e por ser uma literatura fortemente marcada pela oralidade, é natural que em seus enredos apareçam seres fabulosos, lugares encantados e situações insólitas. Os mitos, nessas histórias além de dinamizarem o enredo, também explicam o porquê de muitas coisas.

Marcos Frederico Kruger em seu livro *Amazônia, mito e lenda* assim se expressa sobre o mito:

O mito, como produto de determinada estrutura social, tem diferentes funções, dentre as quais a mais explícita é a etiológica. A que melhor o fundamenta, porém, é a ideológica, entendendo-se como tal a proposta de coesão da comunidade que o gerou. [...] A coesão grupal que o mito expressa pode ser resumida na dicotomia transgressão e punição, em que a prática da primeira leva, inevitavelmente ao surgimento da segunda. (KRUGER. 2011, p. 35-36).

A punição dada pelos Entes Sobrenaturais nas três narrativas deste estudo, tem também um objetivo pedagógico, uma vez que procura por meio da descrição destes castigos levantar questões em torno da preservação da natureza, do respeito às entidades sobrenaturais da floresta e também da importância de se manter vivo na memória dos povos da floresta as crenças, os valores, enfim, o imaginário do homem da Amazônia recheado de visagens, lendas, mitos, gigantes e seres sobrenaturais.

Para Yamã, escrever e contar histórias, é manter viva a tradição cultural de um povo. A importância, portanto, das narrativas insólitas para os maraguás, em síntese, pode ser assim compreendida: “Conhecidos por suas histórias de fantasmas, os Maraguás tem em sua mitologia uma rica e variada cultura de seres e visages. [...] Na mitologia, as entidades têm grande importância para a natureza.” (YAMÃ, et al, 2014, p. 85)

Ao serem transpostas da literatura para o suporte livro, estas narrativas não só deixam a memória do povo maraguá registrada para a posteridade, como também oportunizam que sua cultura seja conhecida por pessoas que venham a ler esses livros.

Ler, pois as narrativas dos povos indígenas é conhecer uma cultura que ainda mantém guardado em sua memória o saber de seus antepassados, é conhecer uma cultura que tem uma mitologia rica e diversificada; é ter o privilégio de perceber nessas narrativas também a memória de uma parte do povo brasileiro, muitas vezes esquecido, visto sob o olhar do exótico daqueles que não conhecem o quão rica é a literatura indígena do Amazonas.

Considerações finais

As narrativas indígenas contam a história dos antepassados resguardando assim a memória de uma sociedade que, apesar de conviver com a modernidade, mantém em sua memória toda a tradição herdada dos antepassados.

Em muitas narrativas a presença do insólito é um elemento recorrente, que se constrói por meio de histórias de assombrações, pela presença do mito, dos Entes Sobrenaturais, do maravilhoso e de situações superracionais que fazem destas histórias um gênero com suas peculiaridades, daí chamá-las de narrativas insólitas.

Os mitos presentes nestas narrativas, além de explicarem a origem de algo ou de algum ser, têm também um caráter de admoestação, pois mostram aos homens incrédulos a importância de se respeitar e preservar a natureza e seus guardiões. Assim, por trás de toda narrativa insólita, há um objetivo maior de chamar atenção para a importância da preservação da natureza, da tradição e do modo de ser dos povos da floresta. Desrespeitar as entidades míticas, metaforicamente, significa desrespeitar uma cultura que, embora dividindo espaço com a cultura letrada mantém sua identidade, permitindo assim que a tradição e os saberes dos antepassados sejam repassados para outras gerações.

É evidente nessas histórias as marcas da oralidade. Marcas essas, por sinal, muito importantes para os indígenas, pois são elementos fundamentais na contação e circulação dessas histórias.

Colocar então as narrativas no suporte livro é uma forma de arquivar a história dos povos indígenas, preservando assim a memória deste povo por meio de um objeto moderno que é o livro.

As narrativas indígenas insólitas são, portanto, tesouros que precisam ser resguardados, pois fazem parte do patrimônio cultural dos povos da Amazônia. Por isso, preservá-las no suporte livro é necessário para que elas não se esvaçam na fragmentação da contemporaneidade.

Referências

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. trad. J Guinsburg, Mirian Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. trad. Pola Civelles. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **O insólito é o estranho**. In Garcia, Flávio. MOTTA, Marcus Alexandre. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GARCIA, Flávio. **A construção do insólito ficcional e sua leitura literária: procedimentos instrucionais da narrativa**. Anais do I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: linguagens e leituras. Ilhéus: UESC, 2009. Disponível em: www.uesc.br/eventos/.../anais.16.pdf

KRUGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

PRIETA, Benita. **Contadores de história: um exercício para muitas vozes**. 5. ed. Rio de Janeiro: 2011.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SILVA, Amanda. **A representação do “Insólito contemporâneo” nos romances Balada da Infância Perdida e Pelo fundo da agulha do escritor Antônio Torres**. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001. Disponível em: www.xincolab.eventos.dype.com.br

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. ilustr. Luana Geiger. 1. ed. São Paulo: Petrópoles, 2012.

YAGUARÊ, Elias. YAMÃ, Yaguarê. GUAYNÊ, Uziel. GUARÁ, Roni Wasiri. **Maraguápéyára: história do povo Maraguá**. Manaus: Valer, 2014.